

de caçadores, em Lisboa, outras espalhadas por varios pontos do paiz, a estas incumbe uma grande missão, é absolutamente urgente que a cumpram.

Por nossa parte aqui estamos, não abandonamos o nosso posto, que, para nós, é um posto de honra em que já nos achamos á seis annos.

O projecto de lei sobre caça

Parece que vae entrar em discussão, na camara dos srs. deputados, o projecto de lei sobre caça que tantos protestos tem levantado entre os caçadores de todo o paiz.

A Associação Protectora de Caça em Tempo Defezto expediu hoje a todas as associações suas congengeres, que existem no paiz, a seguinte circular:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Consta á Direcção d'esta collectividade que n'uma das proximas sessões da Camara dos Srs. Deputados volta a ser discutido e votado o projecto de lei sobre caça n'esta mesma Camara apresentado em 4 de julho do anno proximo passado.

Este projecto, já hoje bastante modificado, continua, contudo, a estar redigido n'um espirito eminentemente restrictivo, mas ao mesmo tempo contradictorio, porque, repetimos mais uma vez: — continua estabelecendo o direito de «coutamento», embora se pretenda facciosamente dissimular.

Basta lêr-se o art. 17.^o e d'elle se deprehen-derá o quanto n'este projecto ainda impera a primitiva ideia de querer privar o pequeno caçador do seu passatempo, do seu exercicio, ou do seu ganha-pão.

Queremos que se respeitem os direitos de propriedade, queremos que se olhe para criação da caça, para que se não extinga n'uma perseguição feroz, mas entendemos que tudo isto se pôde fazer sem violencias, que vão de encontro a hábitos e tradições seculares, tidos sempre na merecida conta pelos nossos legisladores.

N'este intuito, pois, vem mais uma vez a Direcção da Associação Protectora de Caça em Tempo Defezto appellar para o protesto energico da Associação que V. Ex.^a tão dignamente preside, advogando os interesses dos caçadores do paiz ameaçados pelo projecto que, segundo se afirma, será convertido em lei n'uma das proximas sessões legislativas.

E' este o momento opportuno em que todos os interessados podem e devem tratar dos seus interesses.

Teixugos

Em uma propriedade denominada *O covão* pertencente ao sr. Agostinho Gomes, de Collares, foram ha dias mortos pelo cazeiro José Ferreira e o trabalhador Antonio Theodoro, cinco teixugos, sendo tres grandes e dois pequenos.

Que bellos freguezes para os ervilhaes e favaes.

ATHLETICA

Lucta

(Continuado do n.^o 180)

Dia 24 lucta entre Pons e Pytlasinski. Lucta curta mas movimentada. Ao signal do arbitro Pons e Pytlasinski cahem em guarda, Pytlasinski muito deitado, para dar o menos alvo possivel. No fim de 5', 49'' Pons conseguiu dominar o russo, fazendo-o tocar com os hombros no chão simultaneamente. Ficou combinado a desforra para sabbado 27 cujo resultado foi nullo apesar de luctarem por espaço de 1 hora e 15 minutos.

— Começaram no dia 4 de fevereiro em Paris na sala Wagram as luctas livres como se praticam na Inglaterra e America do Norte.

1.^a lucta entre o turco Selim e o grego Pierri. Depois de 15' 35'' Selim consegue triumphar do terrivel grego.

Partindo d'uma «finta baixa» á barriga da perna, Selim executa contra Pierri uma «cintura de lado» acompanhado de um cambapé.

Desquilibrado, Pierri tenta parar, mas a resposta não chega a tempo e o grego cahe sobre

os hombros, mas muito rapido quasi evita a queda e saltando sobre Selim, o deita por terra, mas, era demasiado tarde; pois o arbitro Mr. Manaud já tinha dado o signal da queda e Selim era vencedor.

2.^a Kava-Hamed contra Nourlah, turcos; David contra Golias.

Ambos com os corpos untados e os calções tambem cheios de gordura.

Antes de se agarrarem, executam as cortezas de uso na Turquia. Tudo acompanhado de passo a dois, genuflexões, palmadas nas côxas, ventre e testa.

E... em guarda.

Enlaçam-se de tal fórma que é difficil differenciar os membros a qual pertence. Rolam no tapete; um, enorme, colossal esmagador; outro, elastico, agil, flexivel. Desenlaçam-se, tornam-se a enlaçar, ora estão de pé, ora por terra enlaçados como serpentes, apertando-se nos pés, nas coxas, pulando sempre e em constante movimento, luzentes, morenos, cobertos de uma lama oleosa, dir-se-hia um grupo de bronze animado.

Kara, sempre de bom humor, lucta alegremente, acompanhando os seus ataques, ou saudando as suas paradas e respostas dos seus gritos Hoah! Haidel! Haidal! que encontram na Sala mil echos. Seis vezes Nourlah executa a Kara a *double prise d'épaules* pela frente, seis vezes o campeão do mundo se esquivava ao passo que na Sala rompem em ovações.

Assim se passam duas *reprises*; á terceira prosegue umas vezes lenta, outras rapida, mas nunca violenta nem brutal.

Grandes protestos na Sala. Os adversarios enlaçam-se com mais vigor, n'este momento os calções de Vourlah, cahem e d'ahi por segundos termina a lucta que durou 1 hora 55' cujo resultado foi nullo.

Kara-Hamed, tem 1^m, 73 d'altura.

Nourlah tem 2^m, 15 d'altura.

8 de fevereiro.—Lucta livre entre Pierri (grego) e o gigante turco Nourlah, vencedor Nourlah, em 6', 46''.

Lucta livre entre o campeão do mundo Kara-Hamed (turco) e Selim (turco) vencedor Kara-Hamed em 5', 6''.

11 fevereiro.—Lucta livre entre o campeão do mundo Kara-Hamed e o gigante Nourlah, ambos turcos; Nourlah vencedor em 17' 34'' depois d'uma lucta terrivel.

Desforra entre Pierri (grego) e Selim (turco) vencedor Pierri em 30', por um reviramento de braço á americana. Selim soffreu uma distensão muscular.

18 fevereiro.—Lucta greco-romana entre o francez Pietro II e o turco Selim, vencedor Pietro II por um *tour de tête* em 6 minutos.

Desforra entre Nourlah e Kara-Hamed (turcos). Na primeira *reprise*, depois de Kara-Hamed deitar por terra Nourlah, quiz voltar-o de costas, mas tão precipitadamente o fez, que elle, Kara, cahiu de costas, por uns segundos é verdade, mas o arbitro que viu deu o signal da queda. Protestos da parte dos espectadores e por fim grande barulho. N'isto os turcos concordam em recommear a lucta. Consegue o campeão do mundo tornar a deitar por terra o gigante Nourlah por um *bras roulé* e assim dominou o colosso turco, porém, parece que este não se detendeu com sinceridade e deixou-se vencer.

A. DE SOUSA MAGALHÃES.

ESGRIMA

O mestre José Maria da Silveira

O SALOIO

I

A primeira vez, que vi este celebre jogador de pau, foi em um vasto barracão, junto á igreja dos Inglezinhos. Ahi morava, creio eu, e ahi tinha a sua escola, então muito frequentada.

Travara eu por esse tempo relações com Pedro Augusto da Silva — um dos melhores e mais antigos discipulos de José Maria — e tambem, como eu, grande amador de caça. Desejava elle que eu assistisse a uma sessão de esgrima de pau — jogo de que ouvira muitas vezes falar, mas cuja pratica me era completamente desconhecida. Por natural curiosidade desejava-o eu tambem. Pedro Augusto apresentou-me ao mestre.

Na espaçosa quadra terrea, onde se davam os assaltos, encontrei um grande numero de amadores. Entre elles estavam alguns que eu já conhecia — caçadores uns, outros empregados nas secretarias e no commercio — todos moços bem educados e de bom trato.

*

* *

No meio de todos os grupos destacavam-se a figura e a voz de José Maria. A figura era elevada e athletica, e a voz — de baixo profundo — forte e vibrante, apesar da idade. O mestre era então cabo dos coristas de S. Carlos.

Devia ter sido um bonito homem, na sua mocidade, aquelle velho, ainda verde, de rosto côrado e alegre, que, envolto nas largas prégas d'um gabão, com um barrete preto de lâ na cabeça, e rodeado pelos discipulos, que elle dominava com a sua alta estatura, seguia attentamente os movimentos dos jogadores, advertindo-os com a voz grave e pausada.

A cabeça leonina do mestre fazia-me lembrar a do celebre escultor francez Rude, com a sua longa e espessa barba branca, caindo-lhe sobre o largo peito, tal como vem retratado nos *Artistes vivants*, de Théophile Silvestre; mas o rosto de José Maria alliaa ao vigor a belleza e a correcção das linhas.

A testa, alta e arejada, contornava-se em curvas largas e suaves, e as sobrancelhas, negras, fartas e espessas, realçavam-lhe os olhos, grandes, serenos e expressivos; o nariz direito e bem desenhado; a bôca sinuosa, com os labios carnudos e vermelhos, entrevia-se atravez do bigode, que se ligava a uma barba longa e fornida, bifurcada como a do *Moysés* de Miguel Angelo.

Era verdadeiramente, pela largueza do desenho, pela harmonia das linhas, e pela serenidade magestosa da expressão, uma cabeça modelo, digna de ser conservada numa tãla de Lupi, num marmore de Simões d'Almeida ou de Soares dos Reis!

O tronco era largo, redondo e de dimensões collossaes — um busto como os d'essas estatuas gregas de Phidias ou de Praxiteles, que nós admiramos, mutiladas, nos museus da arte antiga.

Os pulsos grossissimos — devido talvez ao constante exercicio, apresentavam uma disposição singular, faziam uma linha quasi recta com as mãos, que eram proporcionalmente grandes, muito bem feitas, e em que elle tinha uma força prodigiosa!

Contava-se, entre outros rasgos, que, nos seus tempos, elle assentava os dedos sobre cinco cruzados novos, postos numa mesa, e desafiava todos a demover-lhe o braço d'aquella posição! Nem o famoso Thomaz Jorge, nem nenhum dos homens mais esforçados d'então, conseguiram nunca ganhar a aposta! O braço era de bronze — parecia fundido!

Ao canto da casa vi eu uma grande bola de pedra, e perguntando qual era o seu destino, responderam-me que era a — *pedra da paciencia*. Todos os que ali iam tentavam levantar-a, mas, além do peso, oppunha-se-lhes o volume. José Maria levantava-a e segurava-a com a maior facilidade — na mão d'elle parecia uma lanranja!

Quando aqui esteve Charles, o celebre luctador, os dois provaram as forças; na lucta do braço o francez, apesar da sua destreza, não conseguiu dobrar o de José Maria!

Nessa noite da minha apresentação vi esgrimir muitos jogadores, mas as atenções concentraram-se todas nos dois últimos, que eram os seus mais notáveis discípulos.

Estão ambos mortos, mas um d'elles, Farinha, empregado na Alfândega, só tive o prazer de o vêr jogar duas vezes.

E digo prazer, porque é realmente um espectáculo extremamente agradável o de dois luctadores da mesma força, ostentando todos os seus recursos e os da arma que manejam, com a maior facilidade, certeza e elegância, nas posições e nos movimentos, jogando durante meia hora, sem um leve toque, e com os golpes apenas indicados pelo gesto! Isto, feito com o pau — arma pesada e d'alcance — ainda mais provoca e justifica a admiração.

O outro contendor era Pedro Augusto da Silva — empregado no Ministerio da Fazenda, o introductor e primeiro mestre d'esta esgrima no *Gymnasio Club* de Lisboa, onde deixou a tradição do mestre — e que foi, durante os ultimos annos, o *prévôt* effectivo da escola de José Maria. Já se vê, portanto, que devia ser interessantissimo o prelio, em que os dois adversarios se empenharam; sobretudo para mim, que nunca assistira áquelles assaltos, e que ao principio receiava a todo o momento vêr um braço quebrado ou uma cabeça partida!

Nada d'isso, porém, aconteceu, e quando elles, apontando os paus para a terra, fizeram as cortezias finaes e cumprimentaram a assembléa — esta applaudiu-os calorosamente. Ambos se tinham mostrados cortezes na lucta, rapidos e certos no ataque, previstos e firmes na defeza. Dois mestres!

Os espectadores discutiram depois os lances e as finuras do jogo — que para mim eram então completamente desconhecidas.

Como eu gosto de falar de coisas portuguezas, das antigas e das modernas — ha tanto quem nos diga o que se passa em Paris e Londres — direi aqui, para os amadores, mais algumas palavras sobre estes dois jogadores — dos melhores que saíram da escola de José Maria.

Discipulos do mesmo mestre, e ambos da mesma geração, representaram, no meu entender, os dois *estyls*, as duas *maneiras* d'esta esgrima. Farinha, uma cabeça antiga, com o cabello rente, a barba toda, e a expressão um tanto severa, era — se assim o podemos chamar — *classico*. Pedro Augusto, com o bigode negro, a cabelleira

crescida, o olhar movel, e o gesto um pouco brincão, era *romantico*.

Aqui, como nas lettras, como em tudo, no *estyl* via-se o homem. O jogo de Farinha era *academico*, o de Pedro Augusto pedia para o pittoresco, era mais brincado, mais ligeiro, mais alegre. Assim devia ser, porque de todos os *primeiros*, que conheci, era elle o que dispunha de menos força physica, e então soccorria-se da agilidade, que, graças ao constante exercicio, conservou até ao fim da vida. Era um pasmo ver como elle, com muito mais de sessenta annos, fraco e achacado do peito, ainda saltava, na sala do *Gymnasio*, á compita com os seus discipulos, rapazes de dezoito e vinte annos! Para professor

ferentes pontos de vista dos observadores.

José Maria, que estudara o jogo do sabre e do florete, fundiu no seu tudo o que naquelles encontrou de melhor. Os preceitos e regras da arte, que elle ensinou aos seus discipulos, eram muito superiores ao que lhe tinham ensinado os seus mestres.

O fundador da escola de Lisboa nasceu pelos annos de 1805, na calçada da Graça, n.º 13. O numero fatidico e funesto parece que combateu e inutilizou a graça da rua, porque a vida do mestre nunca foi bafejada pelas auras da fortuna.

Filho de familia pobre e obscura, mas honrada, o pequeno José mostrou logo, no bravio e destemido do genio, o que havia de ser o futuro homem, e pozeram-lhe, por isso, por alcunha — o *Silveira* — alludindo ao general d'esse nome — então muito popular.

O cognome de *Saloio* ganharam-lh'o as sadias côres, que lhe davam á physionomia, viva e ousada, um aspecto rustico, raro de encontrar nos rapazes macilentos, nascidos, como elle, na cidade.

Matriculado nas aulas que então existiam na Sé, ahi estudou latim e musica, sendo depois admittido entre os coristas d'aquella egreja. José Maria nunca abandonou esta profissão: durante muitos annos capitaneou os coristas de S. Carlos. Havia nelle, porém, uma força intima que o impellia para os exercicios gymnasticos e gladiatorios. Era a organização, a natureza exuberante, a que fatalmente devia obedecer. Uma questão de pre-

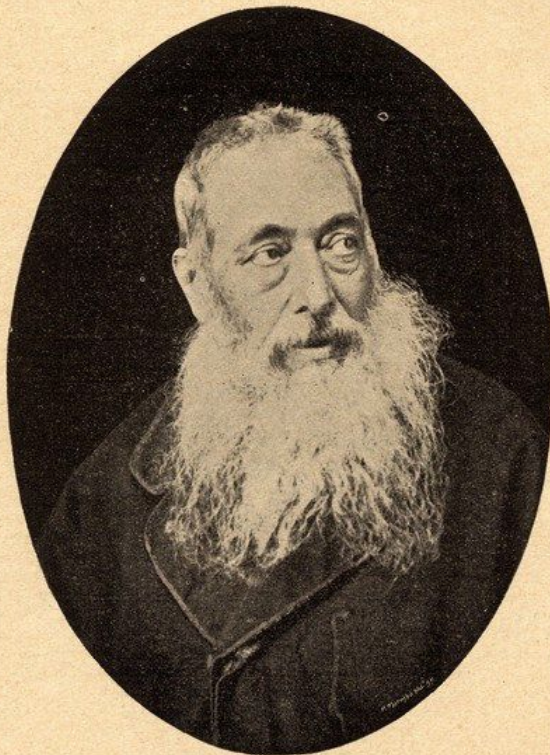
dominio dos musculos sobre os nervos — uma questão de temperamento, como hoje se diz. Predominio irresistivel, em muitos casos.

A aptidão physica do futuro jogador era tal, que, aos dezeseis annos, já dava lições — já era mestre! Os seus professores foram os mais dextros que então havia em Lisboa — um d'elles era gallego.

D'elles aproveitou José Maria o que julgou melhor, inventou novos golpes, e, entre outros aperfeiçoamentos, mudou a posição da guarda, que no antigo jogo deixava as mãos expostas aos golpes do adversario; finalmente creou um systema completo — um jogo todo seu, admiravelmente combinado, e ao mesmo tempo seguro e elegante.

(Continúa.)

ZACHARIAS D'ÁÇA.



José Maria da Silveira

dar-lhe-ia eu a preferencia, mas num assalto, com um jury sério, o jogo de Farinha teria talvez maior numero de votos. Era d'uma correccão absoluta, um verdadeiro primor d'arte todo o seu conjunto! Um modelo raro, para a illustração d'um livro, d'um tratado especial! Que perfil o de toda a sua figura! que firmeza de posição, que rapidez, e que segurança nos movimentos, no avançar, no recuar, no ataque e na defeza! Annos depois tornei a vel-o jogar — já doente; Farinha ainda era o mesmo impecavel artista!

Dir-se-ia uma estatua em movimento, se a estatua podesse dar-nos a impressão real da vida!

Aquelle espectáculo de então queria eu vel-o de novo hoje, realiado, como elle foi, sob os olhos do mestre, que elles todos respeitavam profundamente, e tambem na presença de mestres d'armas estrangeiros, para quem esta esgrima fosse uma novidade. Surgiriam naturalmente comparações e estas são sempre interessantes, pelos dif-

HUMBER

melhor elixir que ainda se conhece, o qual elixir se chama o talento.

Levará algum tempo Umberto Giordano a dar-nos um trabalho completo e inatacavel? Não tenho procuração das mysteriosas potestades que influem no genio da musica e que a este indicam a fronte onde irá um instante fazer ninho, para lhes annunciar o dia preciso em que tal succederá, mas julgo não errar calculando que ha de ser breve.

E agora para terminar deixa-me querido amigo ausente pedir-te que fixes o nome de André Goñi, o actual regente da orchestra da Real Academia de Amadores de Musica que uma d'estas noites se mostrou aos nossos ouvidos e aos nossos olhos, um violinista notavel entre os notaveis, e um director que já começou a operar milagres.

Arco e batuta de tal quilate são para mais alguma coisa do que para exclusivamente dirigir amadores, e oxalá que uma boa inspiração segrede a varios dos nossos artistas, a fórma pratica de aproveitar um e outra.

Quando o fogo sagrado nos anda perto, afigura-se-me que todos, mais ou menos, deveriamos aproveitar um pouco do seu calor...

AFONSO VARGAS.

P. S. — Duas palavras apenas sobre a *Serrana*.

A linda e adoravel Ferrani deu á creação de Alfredo Keil, todos os fins primores do seu talento e toda a ingenita poesia da sua voz, e encarnando-se n'essa ideal figura da nossa terra simultaneamente fez vibrar a nossa alma, de admiração e de reconhecimento.

Perelló, Sammarco, Colli, e todos, poze-ram o melhor da sua vontade e alguns o relevo do seu saber na interpretação dos respectivos papeis. Até a orchestra e os côros por vezes me pareceram outros...

Do trabalho musical de Keil, aliás julgado pelos competentes, direi na proxima chronica, as impressões que em mim despertou.

E ainda duas outras palavras ácerca da *Manon*, preciosa joia de Massenet.

Stheler sabe, mas a instantes não pôde. Garbin sempre notavel como artista e n'algumas passagens da opera distincto como tenor; Perelló e De Luca mesmo muito bem e os côros e a orchestra mesmo muito mal...

A. V.

ESGRIMA

O mestre José Maria da Silveira

(Continuado do n.º 181)

II

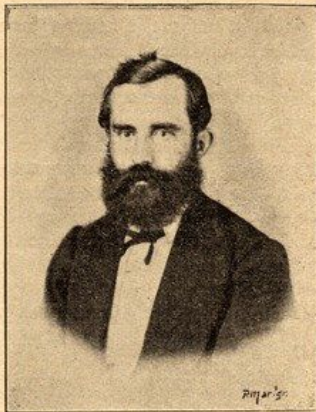
A esgrima nacional

A utilidade dos exercicios athleticos e gymnasticos está hoje reconhecida e demonstrada por todos os que estudam o grande problema da educação moderna. Na lista d'estes exercicios occupa um dos primeiros logares a esgrima, a arte de jogar as armas; sem ella não ha educação completa, porque o homem não precisa sómente saber ganhar a vida, deve, tambem, quando é necessario, saber defendel-a.

A educação physica, até aqui completamente descurada pelos nossos legisladores,

até mesmo numa classe, que mais perfeita a deve ter — a classe militar, vae entrando em um novo periodo: voltaram-se para ella as attentões dos generaes, dos pedagogistas e dos medicos, e a imprensa — no livro e no jornal — advoga incessantemente a sua causa, e concorre para divulgar e enraizar as sãs idéas em assumpto para todos tão interessante.

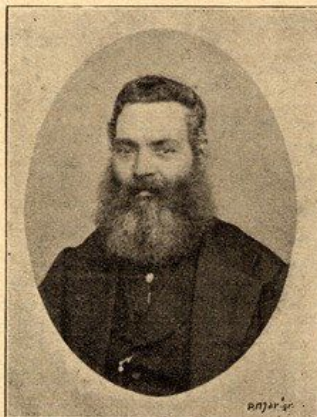
Estas idéas não são novas; bem longe d'isso — tanto ellas são de simples e clara intuição. A antiguidade — a grega e a romana — fornece-nos, na sua historia, innumeradas provas de que, ha já dois mil annos, era reconhecida a conveniencia de



Francisco Farinha

Discipulo de José Maria da Silveira já fallecido.

desenvolver as qualidades e as forças physicas do homem por um constante exercicio. Os escriptores militares dizem-nas suas narrativas de guerras. Homero proclama-o nos seus sublimes versos, e Plutarcho — o famoso historiador dos *Homens illustres*, no seu tratado sobre a *Educação das creanças*, recommenda a escola gymnastica, e diz-nos que — *o alicerce d'uma bella velhice é a boa constituição physica, preparada desde a infancia.*



Thomaz Jorge

Mestre da banda dos alumnos cegos da Casa Pia, já fallecido.

Percorrendo os museus da arte antiga, as magnificas estatuas *iconicas*, devidas ao cinzel dos mais celebres esculptores, dão um admiravel testemunho do culto que a Grecia prestava á força physica, quando os seus atletas — nellas retratados — conquistavam, perante as grandes assembléas nacionaes, as palmas e as corôas de vencedores, na lucta e na carreira, nos jogos olympicos!

Ernesto Legouvé — *le plus tireur des académiciens et le plus académicien des tireurs*, como lhe chamam os seus patricios, falando, no seu estudo — *Les salles d'ar-*

mes — do jogo da espada, que elle reclama para a França, como propriedade que só a ella pertence, diz, numa enumeração, que: «os allemães teem o sabre, os hespanhoes a faca, os inglezes a pistola, os americanos o revolver. «Esqueceu-se de nós: Portugal não tem nada!

Conforme o uso antigo dos estrangeiros, quando falam de nós, na lista das nações, ou somos eliminados, ou confundidos, a titulo de peninsulares, com a visinha Hespanha, apesar de andarmos, ha oito seculos, a proclamar, com a espada e com a penna, a nossa existencia distincta na geographia, na historia, na politica e na litteratura!

E ninguem poderá dizer que os nossos arautos sejam poucos e insignificantes; são muitos, e os seus nomes ainda não estão apagados nas paginas da historia: chamam-se, entre os reis, D. Affonso Henriques, D. Diniz, D. Affonso IV, o do Salado, D. João I, o de Aljubarrota e de Ceuta, o Infante D. Henrique, o das navegações, D. João II, D. Manuel, o grande Condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, e o nosso Bayard, Alvaro Vaz d'Almada, conde de Avranches, em França, pelas suas galhardas proezas, e Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, D. Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, e o terrivel e grande Albuquerque; e Barros, e Gil Vicente, classico em duas linguas, e Vieira, e acima de todos, e um dos primeiros em todo o mundo, o grande épico, e grande lyrico Luiz de Camões!

Primeiros entre os navegadores, descobridores e conquistadores modernos — na data e na grandeza das façanhas — as nossas guerras foram ininterruptas durante seculos, e as batalhas innumeradas; da Africa, da Asia e da America não falemos — tantas são ellas, mas cá na nossa terra ainda temos, para avivar a memoria dos esquecidos — Aljubarrota, Montes Claros, o Ameixial, e todas as gloriosas batalhas que vencemos, desde o Bussaco até ao Nivelle e Toulouse, ao lado e a par, dos exercitos inglezes, nas campanhas do principio d'este seculo, contra os melhores soldados e os maiores generaes de Napoleão!

E entrando em França vencedores, fomos generosos, não praticámos nas suas terras as crueldades, nem commetemos as selvagerias e torpezas, que os exercitos francezes fizeram nas nossas. Confessa-o Bouchot, um dos seus modernos historiadores. Contentámo-nos com a victoria, elles não; violaram e roubaram, e assassinaram os velhos, as mulheres e as creanças!

Arma primitiva, o pau é a *arma nacional* dos portuguezes, e é a população rural quem a maneja e usa. Por mais polido e ornado que seja, não pode decerto competir com as espadas adamascadas e refulgentes, esbeltas e flexiveis, que, as quaes, com as suas bainhas doiradas e as guardas de fino aço, ou abertas em ouro e prata, são ao mesmo tempo armas e objectos d'arte, para figurarem nas panoplias dos museus e nos armarios dos espingardeiros!

Na escolha das armas, de que se servem, mostram os povos, assim como os individuos, algumas das qualidades physicas ou intellectuaes de que são dotados. O inglez forte e pesado, com o seu fleugma, com as suas mãos grossas e duras, com os braços desenvolvidos, em terra, pelo exercicio das artes do ferro, e no mar pela continua gymnastica de bórdo, serve-se dos seus punhos, com que elle quebra

os dentes, os males, e as costellas do adversario. O hespanhol, sêco e agil—meio europeu, meio arabe, nas provincias do sul e do centro—usa a faca, a *cuchilla* longa, recurva e cortante—que aberta se assemelha muito ao *yatagan* dos arabes, de que ella parece descender. O americano, povo moderno, inventou o *revólver*—e usa-o, e tral-o comsigo, como traz o seu relógio e a sua charuteira. O francez, todo espirito e todo arte, obedecendo ás suas antigas e gloriosas tradições de nobreza e cavallaria, conserva e honra a espada de seus maiores—a espada dos cruzados e dos mosqueteiros—a que brilhou nos campos da Palestina, debaixo das muralhas de Jerusalem, nas mãos de Godefroy de Bouillon; nas guerras da Italia flammejante nas de Bayard—o *sans peur et sans reproche*—a arma dos fidalgos nas batalhas campaes, nos duellos e nos encontros nocturnos, nas ruas e viellas de Paris; a que nas guerras da Republica e do Imperio floream Ney, Lannes e Murat.

Nós tambem fomos homens d'espada, quando a nossa bandeira tremulava, ovan-te e orgulhosa, e nós batalhavamos nas quatro partes do mundo; no seu livro *Grandezas de Lisboa*, Fr. Nicolau de Oliveira dá noticia de seis mestres de esgrima—o que quer dizer seis salas d'armas.

As guerras da Restauração, pozeram-a de novo em evidencia, e o mestre de campo Diogo Gomes de Figueiredo, cujo nome se encontra frequentes vezes no *Portugal Restaurado*, foi grande jogador, e o mestre d'armas do principe D. Theodosio.

Frequentes então os desafios, eram a valer, e muitos d'elles mortaes. O proprio Conde da Ericeira, na sua obra, refere-se, entre outros, a um seu, em que recebera tres feridas, e ficaram memorados aquelle no Jogo da Pella, em que mataram o Conde de Vimioso, e o dos Alvitos, no cerco de Badajoz, no qual, dos quatro que alli se bateram, tres ficaram logo mortos, e um, D. Vasco da Gama, gravemente ferido! Eram todos tres mestres de campo de Infantaria, e D. Vasco, o mais novo, capitão na cavallaria. Quando lhes acudiram, já os acharam agonisantes!

Este famoso duello não teve testemunhas para a historia, não sabemos de que foi originada tamanha tragedia! Na propria familia dos Alvitos perdeu-se-lhe a tradição, e o meu amigo, o sr. D. Luiz Lobo da Silveira, interrogado por mim a este respeito, não me poud esclarecer as trevas em que ficou este sanguinolento episodio.

D. Vasco da Gama era primo dos Alvitos. O outro contendor era Luiz de Miranda Henriques, senhor de Ferreiros e de Tendas. Fidalgos todos, e d'antiga nobreza.

* * *

Encarando esta questão da esgrima de mais alto, vê-se que, assim como as antigas nações, no mundo secular, ella divide-se tambem em duas classes—a esgrima sabia, tradicional e convencional da espada e do sabre—isto é a esgrima aristocratica, inherente a uma classe da sociedade, a que mesmo em França chamavam *gens d'épée*—gente d'espada—e a outra esgrima com as armas naturaes, simples, economicas e ao alcance de todos, as mãos, os pés, e o pau, e esta é a esgrima democratica. Uma predomina nas classes superiores,—a outra é propria do povo rustico e da plebe das cidades—e os povos dão a primazia a uma ou outra, segundo as suas tradições historicas, os seus costumes, e o estado da sua civilização, porque

no grande machinismo das sociedades tudo anda ligado, como no universo: não ha nenhum elemento componente d'estes grandes systemas humanos, que seja e viva completamente independente dos outros.

E isto é tão verdadeiro que é em França, a mais bellicosa das nações modernas, que a esgrima tem sido mais honrada e cultivada. Todas as classes a estimam e apreciam, e, além da espada e do florete, o povo francez tem muito mais jogos do que outro qualquer da Europa:—tem o *chausson*, a *boxe*, que é o *box* inglez já nacionalisado e augmentado, a celebre *savate*, e a *canne*, a arma propria do burguez, e que nós deviamos tambem cultivar.

Legouvê, que é aristocrata e exclusivo na esgrima, chama *ignobil á savate*, sem se lembrar de que nem sempre temos uma espada á mão, que as occasiões apresentam-se sem se annunciarem, e que não é sempre possivel escolher os adversarios com quem havemos de combater.

Absolvamos portanto, a *savate*, e sirvamo-nos dos pés e das mãos, quando não tivermos outras armas. O que é ignobil e muito mau é ser deslombado, e não poder pagar com a mesma moeda.

(Continúa.)

ZACHARIAS D'ANÇA.

VELOCIPEDIA

O clero e o cyclismo—Uma errata importante—Questão politico-sportiva—Contribuições sobre velocipedes na Italia e na Belgia—Bandas marciaes cyclistas—Tricyclo de balaço—Os 100 kilometros da União franceza—Varias noticias.

Quando ha annos o cyclismo principiou a vulgarisar-se, e alguns padres, attrahidos pelas vantagens do novo meio de locomoção, resolveram utilizar-se d'elle, não só em passeios recreativos como para o exercicio das funcções do seu ministerio, levantou-se a este respeito uma enorme celeuma de discussões mais ou menos violentas e apaixonadas.

Pretendiam uns que o uso da bicycleta era improprio da seriedade que deve revestir o character sacerdotal; sustentavam outros, ao contrario, que tanto valia, no ponto de vista da seriedade, montar um quadrupede qualquer de carne e osso, como uma simples machina de aço, porque emfim, no dizer do proloquo, «não é o habito que faz o monge».

Sabedores do que se passava, varios bispos prohibiram ao clero, dependente d'elles, o uso da bicycleta; outros, porém, deixaram-lhe completa liberdade de acção, não se pronunciando nem a favor nem contra esse uso.

Na Hungria, o bispo de Szathmar, fugindo á responsabilidade de deliberar sobre o assumpto por auctoridade propria, consultou a Curia, e a 28 de setembro de 1894 a congregação dos purpurados romanos respondia: «a prohibição do velocipede é louvavel porque preserva os padres de perigos corporaes, evita que os fieis se escandalisem e que os sacerdotes caiam no ridiculo».

O que principalmente determinára o bispo a fazer a sua consulta fôra o facto de alguns padres da cathedral organisarem entre si *matches* cyclistas em torno da egreja, com grande admiração, e provavelmente não menor gaudio, dos parochianos.

Mais tarde a questão foi presente ao mesmo tribunal pelo cardeal Ferrari, arcebispo de Milão, cardeal Santo, patriarcha de Veneza, e Monsenhor Bonomelli,

bispo de Cremona, dos quaes os dois primeiros se manifestavam nas suas consultas adversos ao uso do velocipede, e o terceiro favoravel.

Em presença d'esta divergencia de opiniões, o tribunal deixou aos prelados a liberdade de proceder como melhor entendessem.

Desinteressando-se assim do assumpto a Curia romana, e não se mostrando os bispos, na sua grande maioria, hostis ao cyclismo, o baixo clero não hesitou mais em adoptal-o.

Por isso no estrangeiro, e sobretudo em França, são actualmente numerosissimos os padres que, cedendo ao progresso, fazem uso da bicycleta, reconhecendo-se em geral que esse uso é hoje para elles não uma questão de simples recreio, mas de verdadeira necessidade.

*

Na publicação que fizemos em o numero anterior dos estatutos da U. V. P., além de varios erros de somenos importancia, taes como trocas de letras, faltas de pontuação, etc., sahiu em parte completamente deturpado, por virtude de omissão typographica que aliás corrigimos na prova, o art. 28.º Por tal motivo reproduzimos o principio d'esse artigo, que é do theor seguinte:

«As sociedades unionistas, os velodromos e os socios ordinarios pagarão a quota annual que o Congresso fixar; os socios vitalicios satisfirão por uma só vez vinte vezes a importancia da quota fixada para os socios ordinarios, em relação ao anno em que tiver logar a admissão.»

Não temos por costume fazer erratas; mas, no caso presente, julgamos imprescindivel abrir uma excepção, attenta a importancia do documento publicado.

*

Terminou a lucta em que de ha muito andavam empenhadas a *League of American Wheelmen* e a *National Cycling Association*, e a que já tivemos ensejo de referir-nos.

A primeira d'estas federações capitulou, decidindo abandonar por completo o *sport* cyclista, tanto amator como profissional, o que deixa o campo livre á N. C. A. para d'ora ávante intervir de direito, como já intervinha de facto, em todas as corridas velocipedicas dos Estados-Unidos. Quanto á L. A. W. consagrar-se-ha unicamente ao excursionismo, e a todas as questões de interesse geral que digam respeito aos cyclistas.

Esta noticia politico-sportiva é da maior importancia para o cyclismo internacional. E' o restabelecimento da paz na America, onde a lucta entre as duas federações rivaes causava enormes prejuizos aos corredores, á industria dos velodromos e ao *sport* em geral; é o desapparecimento completo das ameaças, que principiavam a surgir, de conflictos entre a *International Cyclists Association* e a *União Velocipedica de França*, em consequencia da decisão, por esta ultima tomada ha mezes, de não mais reconhecer a L. A. W.

Importa portanto a decisão a que nos referimos um triumpho para a *União Francessa*, e ao mesmo tempo um enorme cheque dado na *Associação Internacional*, que sustentava as pretensões da L. A. W., que entretanto, como acima dizemos, teve de capitular.

*

Na Italia, por effeito de uma lei votada pelo parlamento, e que começou a vigorar em 1 de janeiro de 1898, os velocipedes de um só logar pagam annualmente a contribuição de 10 liras, os de mais de um logar a de 15 liras, e os apparelhos identicos aos velocipedes, mas de motor

ESGRIMA

O mestre José Maria da Silveira

AS TRES ESCOLAS

III

(Continuado do n.º 182)

No meio de todas as outras armas, que tem a sua esgrima especial, o jogo português do pau occupa um logar distincto. Não lhe conhecemos, porém, ao certo, nem a origem nem a historia.

Como o pau armado com uma choupa é uma lança, podemos talvez ir buscar á nossa antiga infantaria a origem d'esta esgrima.

E' sabido que, anteriormente á invenção das armas de fogo e mesmo ainda depois, a arma principal da infantaria era o pique, a lança. Tomariam os populares do manejo d'esta os golpes e guardas contra as espadas da cavallaria e os piques da infantaria inimiga?

E' natural que assim fosse: não o affirmamos todavia, porque não temos dados para o provar, nem sabemos de obra alguma, que nos possa elucidar sobre o assumpto.

Como a conhecemos actualmente, a esgrima do pau é um systema completo de ataque e defeza, com os seus golpes de ponta, guardas e fintas, como a do florete e a do sabre:—é um jogo perfeitamente estudado.

Não foi decerto inventado de uma vez por um só homem, passou, como a espada, por successivas transformações e aperfeiçoamentos, antes de chegar ao grau de perfeição em que hoje se acha. Jogava-se já, pelos fins do seculo passado, em todo o nosso paiz e na Galliza. Isto é certo—mais além não podemos avançar.

* * *

Conhecemos tres escolas:—a do Norte—chamada *gallega*,—que tambem é seguida na Galliza;—a da Estremadura ou do Riba-Tejo, a que chamam *pataieira*, de Pataias, e a de Lisboa.

As duas primeiras já existiam no seculo passado:—a de Lisboa data do segundo quartel do presente seculo, e foi fundada por José Maria da Silveira—por alcunha o *Salvo*—o maior jogador conhecido em todo o paiz.

O jogo gallego tem um grande alcance nos golpes de ponta e nos *rebates*, porque os dá geralmente só com uma mão, mas esses golpes são por isso mais fracos, e mais demorado o *desengage* do pau para acudir á *guarda*.

O do Riba-Tejo é muito apparatuso e bonito, porém os jogadores approximam-se muito um do outro, o que é sempre perigoso, porque, além do mais, corre-se o risco d'um desarmamento ou d'uma traição com faca.

O jogo de Lisboa, menos brincado, é o melhor dos tres, o mais seguro e o de maior defesa, sem que isto prejudique o alcance e o vigor do ataque. Os seus golpes, jogados ás duas mãos, são d'um effeito terrivel, e o emprego frequente das *pontas* assemelha-o ao do florete, e serve para cobrir o jogador e conter o adversario á distancia conveniente.

* * *

E' frequente levantar-se entre os amadores discussão sobre a superioridade ou inferioridade do pau em confronto com o sabre e o florete.

Em egualdade de circumstancias—isto é—dadas a mesma força muscular, a mesma agilidade e sciencia egual—parece-nos que nem uma, nem outra terão vantagem sobre o pau, porque, independente do seu maior alcance, é claro que não podem resistir a qualquer dos golpes altos ou cruzados de um pau manejado com ambas as mãos, ainda mesmo que não seja ferrado, como são ordinariamente os dos campeones.

Ha ainda outra circumstancia que o recommenda e assignala. Se o pau, nas mãos d'um jogador forte e destro, é uma arma terrivel no ataque e de grande resistencia na defeza, encarado pelo lado artistico o seu jogo é d'uma rara elegancia, e muito mais vistoso do que o da espada ou florete.

Pondo em movimento todo o corpo; obrigando o jogador a saltar para a frente e para a retaguarda, a curvar-se, a girar sobre si—o que produz um bello effeito—e a procurar o adversario por todos os lados; dando golpes com uma só mão e com as duas, passando a arma da direita para a esquerda—offerece ao espectador uma variedade e belleza de movimentos e de posições, que nenhum outro jogo tem. Finalmente, considerado pelo lado da hygiene e como exercicio util á conservação da saude e ao desenvolvimento physico, mantém a mesma superioridade, porque o trabalho de todos os órgãos é egual, e perfeitamente equilibrado e repartido.

* * *

Theophilo Gautier, um dos maiores poetas e prosadores da França, diz, na sua auto-biographia, que o seu physico melhorou consideravelmente em consequencia dos exercicios gymnasticos, a que se entregou na mocidade.

«De delicado, que era, tornei-me muito vigoroso. Eu admirava os athletas e os *boxistas* acima de todos os mortaes. Charles Lecour era o meu mestre de *boxe* franceza e de bengala; montava a cavallo com Clopet e Victor Franconi; na *canotage* o meu mestre era o capitão Lefèvre; assistia na sala Montesquieu aos desafios e luctas de Marseille, de Arpin, de Locéan, de Blas, o feroz hespanhol, do grandé Mulâtre, e de Tom Cribbs, o elegante *boxista* inglez. E quando se abriu o *Chateau-Rouge* fui eu que dei sobre uma *cabeça de turco* o murro de 532 libras, que se tornou historico. E' o acto da minha vida de que mais me orgulho.»

Esta citação do nome illustre do grande escriptor francez não vem aqui extemporaneamente.

Chegado quasi ao fim da sua vida, porque essas paginas datam de 1867, Theophilo Gautier, no apogeu da sua carreira e da sua gloria litteraria, não teve a falsa vergonha de occultar os exercicios e as distracções em que dispendeu algumas horas dos opulentos dias da sua mocidade. Jogou o murro e a bengala, remou no Sena, montou a cavallo e frequentou as salas d'armas: confessou-o, agradecido, porque esses exercicios tornaram-o um athleta.

Perdeu com isso alguma coisa? Não: o ser forte não o impediu de escrever o *Albertus*, a *Comedia da Morte*, a *Mademoiselle de Maupin*, a *Viagem á Hespanha*, os *Romances e Contos*, o *Capitaine Fracasse*, etc., de ser o primeiro critico d'arte do seu tempo, e emfim um dos primeiros mestres na grande arte de escrever, entre os Hugo, os Lamartine, os Musset, e tantos outros, com que se honra a França do seculo XIX.

(Continua).

ZACHARIAS d'ÁÇA.

Antonio Pinto Martins

Publicamos hoje a photo-gravura que representa o distincto *sportsman* e o nosso primeiro mestre d'armas.

De esgrima, em Portugal, bem se pode dizer, que o que temos a elle se deve.

Habil discipulo de Henry Petit e habil professor de mestres como Costodio Galvão, Pedro d'Oliveira, Luiz Martins e outros, e de amadores como Sebastião Heredia, visconde de Reguengo, Gastão Bordallo Pinheiro, marquez de Fontes, João Arroyo, general Baracho, Carlos Ferreira e tantos outros cujos nomes nos não occorrem.

Fundador e director da *Escola Nacional de Esgrima* a primeira e mais frequentada de Lisboa, é ali que elle produz discipulos como os que apontamos e onde se lecciona esgrima por preço que não ha em nenhum outro paiz.

Na esgrima, esse poderoso factor da educação physica, bem podemos assegurar que Antonio Martins, é um benemerito.

Chronica

Despertou grande interesse a festa organisa da pela *Escola Nacional de Esgrima*, coadjuvada pela *Real Academia dos Amadores de Musica* e realisada na Sala Portugal da *Sociedade de Geographia de Lisboa*.

S. M. El-Rei, prestou da melhor vontade a protecção a esta sympathica e util festa. Além de El-Rei, assistiu tambem S. M. a Rainha Sr.ª D. Amelia e o Principe Real D. Luiz Filippe e Infante D. Manuel.

A festa realisou-se sob a forma de concurso, e disputado em *poules*. Sendo vencedores da 1.ª *poule* para menores, os srs. A. Campos Henriques e A. Bebiano. Ao primeiro coube o premio offerecido pelo Infante D. Manuel e uma medalha de vermeil de ENE, ao 2.º uma medalha de prata.

N'esta *poule*, tomaram parte os menores: Antonio Bebiano, José Campos Henriques, Arthur Campos Henriques, Arthur Bebiano, José Castello Branco, e José Pinto Martins (filho do afamado mestre).

Na *poule* de *Juniors*, sahiu vencedor o sr. Camillo Castello Branco que recebeu o premio offerecido pelo Principe Real, e uma medalha de vermeil da ENE, o 2.º premio que constava de uma medalha de prata, coube ao sr. Miguel Horta e Costa.

Tomaram parte na *poule*, os srs.: Alexandre de Carvalho e Oliveira, Antonio Horta e Costa, Camillo Castello Branco, Fernando Ferreira e Miguel Horta e Costa.

A *poule* de *Seniors* que foia mais interessante, sahiu vencedor o distincto amator sr. Sebastião Heredia, recebendo o premio offerecido por Sua Magestade a Rainha e que constava de 1 cigarreira e 1 phosphoreira de prata lavrada e oxydada, tudo n'um estojo, e uma medalha de vermeil da ENE; o 2.º premio coube ao amator sr. A. Lage que teve a medalha de prata.

Disputaram a *poule* os seguintes amadores: Augusto Lage, Candido Fernandes, Eduardo Romero, Ruy Alves da Cunha e Sebastião Heredia.

Depois das *poules* foram os assaltos sensacionais.

O 1.º assalto que foi á espada foi disputado entre os distinctos amadores srs. Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro e o Visconde do Reguengo (Jorge), esgrimistas da velha guarda. Assalto movimentado e bastante energico. Bons toques de parte a parte.

2.º Assalto ao florete, entre o distincto amator sr. Sebastião Heredia e o afamado mestre d'armas sr. Antonio Martins.

Assalto bem conduzido pelo habil professor. Houve mais de 3 toques de parte a parte. Assalto bom e difficil.

3.º Assalto ao sabre pelos srs. Visconde de Reguengo (Jorge) e o tenente do Estado Maior, Annibal de Miranda.

Assalto bem conduzido de parte a parte.

4.º Assalto aos abre entre o amator sr. conde de Santa Cruz de los Manueles e o professor Antonio Martins.

Assalto bonito, bem conduzido de parte a parte.

O conde de Santa Cruz é um forte atirador; é um dos primeiros discipulos do afamado professor italiano Pini.

ESGRIMA

José Maria da Silveira

(Continuado do n.º 187)

IV

LISBOA HA CINCOENTA ANNOS

A Pinto de Carvalho (Tinop)

A vida de Lisboa tem soffrido uma grande transformação, ha cincoenta annos a esta parte. Tudo mudou — as modas e os costumes — as ruas e os trens — os rufões e a policia — os cafés e os theatros — a prosa e a poesia!

Lisboa então era mais pittoresca e mais dramatica. Semi-classica, semi-bohemia, conservava ainda um tom *moyen-âge* e poetico: lia Garrett, decorava os *threnos* do *Eurico*, recitava a *Lua de Londres*, e cantava o hymno da *Maria da Fonte*. Já sonhava com os caminhos de ferro, mas ainda usava bentinhol!

Hoje emancipa-se, atira-se; dá-se ares de grande cidade, — um pouco vista pelo avesso. Não tem ladrões como o Diogo Alves, mas tem gatunos a faltar, esplendidos e celebres, dentro e fóra do Limoeiro! E facadas, então! Isso é *toma lá, dá cá!* Muito mais do que antes!

A *bohemia* feminina ostenta-se á luz do sol, nos passeios, nos theatros, e nas corridas: a chronica já a reclama, como parte integrante do espectáculo, para lhe dar a nota estridula, vibrante, e sensual da mocidade, da belleza e do amor!

E como nisto temos progredido, santo Deus! Abençoado torrão este, que tudo aqui prospéra. Até o vicio! O jogo já entrou nas Secretarias de braço dado com a caridade, e assim as gerações novas irão para a tavolagem com o cathecismo da Doutrina Christá na algibeira! E' consolador este futuro... Um *acto de contricção* e um *eu, peccador*, entremeciados com uma *vacca* ou um *cerco á dama!*

Este chão uberrimo, este ceu azul e esplendoroso, este ardente sol peninsular, provocam a amar e a gosar a vida exterior, açoitam o sangue nas veias, incandescem a imaginação, e exaltam e illuminam a eloquencia!

Gocemos si! La cristalina esfera
Gira bañada en luz! Bella es la vida!
Quién á parar alcanza la carrera
Del mundo hermoso, que al placer convida!

Disse-o Espronceda, o grande poeta do *Diablo Mundo*, e dizemol-o nós todos, os peninsulares! Gozemos, sim, e depois de nós que venha o diluvio!

* * *

Dissemos que a cidade de ha cincoenta annos era mais dramatica! Não era tal: retiramos a phrase. Façamos-lhe justiça. *A tout seigneur tout honneur!*

Não era mais dramatica, não; mas era dramatica d'outra maneira. Tinha mais elevação, os lances eram maiores, o estylo era sublime, e os personagens subiam, ás vezes, ás alturas da epopéa!

Havia valentões em todas as ruas e em todos os cafés, e as suas proesas extendiam-se até ao recinto das egrejas! Ficaram celebres os confictos, por occasião de festas em S. Nicolau e em S. Domingos. As luctas politicas da liberdade, a guerra civil, tinham sido o viveiro onde se crearam esses gladiadores, que vinham continuar dentro da pacata Lisboa as tradições e as façanhas dos campos de batalha! Era moda ser valentão, e o publico affastava-

se, e curvava-se respeitoso deante dos bravos campeadores do murro e da bengala!

Havia sitios, por onde era arriscado transitar, e a passagem do Chiado, junto ás portas do Marrare, era tão temida como a do Cabo das Tormentas, antes de Vasco da Gama! Não entrava no Marrare quem queria!

O *Marrare de polimento*;—o outro era o das *sete portas*, no Arco do Bandeira — era uma especie de café-club, frequentado de dia e de noite por uma sociedade, que não se chamava ainda o *high-life*, mas que era com certeza a fina flôr da nossa aristocracia e da alta burguezia lisbonense. Estabelecimento publico não tinha socios, mas aquelles *janotas*, como então chamavam aos rapazes elegantes, que estanciavam no passeio, em frente e aos lados das portas, garridamente entrajados, impunham pelo seu ar atrevido e superior; e dentro, na sala de entrada, o areopago dos da *velha guarda*, sentados nas suas cadeiras, com uns ares de senadores, reforçavam o effeito. Era aquelle um mundo á parte, diverso e superior, na apparencia e na realidade, e os que lhe não pertenciam, não se atreviam a transpor-lhe os humbraes.

O *Marrare* ficou unico na historia dos cafés e da vida de Lisboa. O *Gremio Literario* matou-o, mas não o substituiu. Os elegantes gladiadores d'ali chamavam-se Jacintho de Sant'Anna e Vasconcellos, José Vaz de Carvalho, Lima — da Cardiga, Luiz Forjaz, famoso toureiro, Celestino Claudio, valente marinheiro, e outros, cuja lista seria longa.

Uma noite, que ali estavamos — meu pae, o pintor Annuniação, Sousa, o notavel gravador, e eu, entrou o illustre Rosa — o senior, e travou conversação com outros numa mesa do canto — á direita do corredor, e versou ella sobre a ultima novidade, que então se discutia um pouco acaloradamente nos centros da elegancia e da arte: a novidade era a condecoração do habito de Christo, que o governo acabava de dar a Saint-Léon — rabequista distincto, compositor choreographico e director do corpo de baile de S. Carlos. Já vê o leitor que estamos falando d'uma scena de outros tempos...

João Anastacio Rosa achava muito natural dar-se aquella distincção ao illustre artista francez. Luiz Forjaz, já *velha guarda* entre os *janotas dilettantes*, era tambem um pouco *ancien régime*. A conversa aqueceu, e passou a disputa; Forjaz era colerico, e levantou a bengala... Conteve-se porém, e o caso ficou por ali, felizmente.

—O habito de Christo a um dançarino! —dizia elle, para nós depois, ainda furioso e ameaçador!

Imagemem o que seria, se elle vivesse hoje em Lisboa!

No *Toscana*, á esquina da travessa de Estevam Galhardo, reuniam-se cantores, musicos, — gente de theatro. Outra sociedade e outros valentes. Era ahi que se encontravam o nosso José Maria da Silveira, os seus amigos Thomaz Jorge, José Maria Christiano, e o Manuel Machado, do Gymnasio — todos homens de muitas posses, como diz o povo.

Estes nomes illustres faziam tremer as mães, quando os filhos imberbes e os maridos pacatos affrontavam de noite as ruas da cidade! Era frequente ouvir-lhes — «Não passes pelo Chiado!» — dito com o tremulo do susto na voz, e a anciedade nos olhos, cheios de affecto e de terror!

Que livro interantissimo se faria com a

narrativa das proesas e aventuras d'esses modernos cavalleiros da *Tavola redonda!*

Eram jovens raptadas — irmãs esmurradas — patrulhas desarmadas — officiaes de ronda levados ao collo, perneando no ar, de espada e barretina — eu conheci um — pateadas e troças medonhas em S. Carlos — que só cessavam quando não havia já nada para quebrar, ou a larga e poderosa mão de D. Carlos Mascarenhas, o bravo e athletico commandante da Guarda Municipal, baixava sobre os chefes do movimento, e os punha pela gola fóra da platéa, poupando-os assim ás honras do Carmo! As luctas da Albani e da Castellani, da Lisereux e da Fleury, da Stoltz e da Novello!

Que animação, que vida, e que pancadaria! Lisboa era romantica!

* * *

Na numerosa pléiade da mocidade doirada esplendiam então astros de primeira grandeza — o conde de Carvalhal — o marquez de Niza — D. João e D. Antonio de Meazes — o visconde de Almeida, Paiva d'Araujo — Antonio da Cunha Sottomaior — o visconde d'Asseca, e quantos mais!...

O conde do Farrobo deslumbrou Lisboa com os seus saraus nas Laranjeiras! — Recitas, onde se applaudia o talento dos actores e a formosura das damas — festas principescas, a que presidia o genio elegante de Garrett, e cuja recordação vem a nós, envolta ainda nas graciosas e sentimentaes harmonias das valsas de Strauss!

Não tiveram successores esses dias, em que o faustoso fidalgo reunia, na sua encantadora *villa*, a flôr da aristocracia e do talento; quando o poeta das *Folhas caídas* e do *Camões* era o mestre, o ensaiador, e o auctor, d'uma *troupe* em que a belleza e o espirito disputavam primazias, e quando ali se representava pela primeira vez — como nunca mais se representou — essa obra prima do theatro moderno, que se chama *Fr. Luiz de Sousa!*

O tempo — o eterno revolucionario, o inexoravel demolidor — entrou, naquella mansão de Melpômene e de Cythera, e mudou tudo: á belleza deu as rugas, ás almas as desillusões, ao theatro as ruinas!

Ha annos, passando ali para uma caçada, numa formosa manhã de inverno — a estação dos bailes e dos saraus — ainda lá vimos o *Castigat ridendo mores* em letras doiradas, na parede musgosa e negra! Quando seria mais verdadeira a legenda — então, que ria — ou hoje, que chora?

Ficaram tambem lendarias as grandes caçadas do senhor do Farrobo. Latidos de cem podengos atrovavam as charnecas e as encostas, e no centro d'uma linha de mais de sessenta caçadores e batedores, em que brilhavam as nossas melhores espingardas e os amadores da colonia estrangeira — entré elles uns inglezes, ricos negociantes, de cujo nome ao certo me não recordo — talvez os Shore — o conde, com o seu barrete de pelles, botas altas — um elegante, em tudo apurado e bisarro como um *grand seigneur*, tendo ao lado o seu fiel Domingos Monteiro Torres, grande atirador tambem, assignalava a sua destreza e o alcance da sua *Purdey* com os magnificos tiros *dobrados*, em que era eminente.

A' noite, no pateo, a *curée aux flambeaux*. Depois ouvia-se uma trompa, uma *fanfarrá* de caça, deliciosamente tocada! Era ainda o fidalgo caçador — um artista — fazendo as honras da casa aos seus amigos e convidados. Depois uma ceia esplendida! Depois... as saudades para todos esses que,

recorrendo agora, no inverno da vida, a longa estrada do passado, só encontram, dispersas pelo chão, as folhas secas das rosas da primavera!

* * *

As *toiradas de filalgos!* Datam d'então as primeiras e grandes festas taumachicas modernas, conhecidas por este nome. —E que deslumbrantes que foram! Entrou nellas a mocidade, o amor, e a politica! Que enthusiasmo, que loucura! Ali appareceram os primeiros cavalleiros—D. João de Menezes — um dos mais bellos rapazes d'então, o conde de Vimioso, um mestre, um verdadeiro representante do Marquez de Marialva, e aquella interessante e sympathica figura de outro illustre fidalgo, D. José de Mello e Castro, o *Cazuza*.

A cohorte litteraria, que brilhava no folhetim, no poema e no drama, tambem não desdenhava as honras e o pó do circo, e Lopes de Mendonça, Bulhão Pato e Mendes Leal, conquistavam novos loiros em *las hastas del toro!*

As *toiradas* em beneficio dos *patuleás!* Tenho, entre as minhas curiosidades, a recordação d'uma d'essas ruidosas festas: é um bilhete de sol para a corrida de 13 de junho de 1848. Achei-o no deserto Convento das Grillas, um dia de abril de 1886, que ali fui com os meus amigos Antonio Thomaz da Fonseca, director da Academia, e Manoel de Macedo, em busca official de antiguidades para o Museu de Bellas-Artes. Ao canto d'um pateo, em um monte de lixo—papeis velhos, coisas partidas, cacos—os meus olhos agudos de explorador descobriram os bilhetes: eu guardei um, o meu amigo Rozendo Carvalheira, que tambem lá estava, guardou outro. Não proseguimos na exploração d'aquelle lixo historico—o sol queimava! Em beneficio—diz o bilhete—e acrescenta mais abaixo: *Toda executada por curiosos de distincção.*

Ha colleccionadores de cartazes—havelos-ha de bilhetes? E' natural, porém aquelles eram unicos. Bilhetes de toiros num convento é para estranhar; mas, excluida a possibilidade de freiras *aficionadas*, tentenceram elles naturalmente ao capellão, que podia, como outro que eu conheço, ser um entusiasta amator, e—quem sabe? talvez tambem um *patuleia* decidido... apesar de ter coraól!

* * *

Enxameavam nesse tempo os fortes e os valentes:—eram Sant'Anna e Vasconcellos, os dois Lobos, José e Gonçalo, os Fragosos, das Alcaçovas, os Schiappas, de Santarem, Frederico Nunes, Adriano e Alfredo Pereira do Carmo, de Alemquer... *F'en passe et des meilleurs...*

Havia então febre de amar e de bater, e D. Juan não se fartava de suspiros, de beijos e de estocadas!

Era rara a noite em que João de Aboim, lyrico nos versos, satyrico no jornal, e dramatico no café, não trocava murros com algum janota, ou não corria á bengalada algum fadista mais atrevido!

Era brigão o poeta. D'uma vez armou pendencia com o boleeiro, que o levava ao baile da Guia, e era dos mais temidos faquistas de Lisboa. As primeiras réplicas do homem, João d'Aboim atirou-lhe uma bofetada, e logo a ponderosa bengala trabalhou de tal modo que o fadista, apesar da navalha, viu-se obrigado a recuar, e recuou a rua toda, até que os apitos pozeram termo á pendencia, de que elle saiu com muitas contusões e a cabeça dardida!

Era esta a scena em que se movia, nos ultimos planos, o nosso José Maria. Não era elle figura bastante para destacar nos primeiros, mas os galãs, quando desciam e caminhavam para o fundo do tablado, lá o encontravam, e demoravam-se a conversar com o famoso *lanista*. Todos o conheciam, e sabiam quanto elle valia, na paz e na guerra...

Vae isto aqui esboçado em grosso—estyllo scenographicó—e de corrida. Bulhão Pato, com o seu pincel magistral, já nos deu no *Sob os cybrestes*, e nos dois preciosos livros de *Memorias*, em aprimorados retratos e em magnificos quadros, cheios de expressão e de movimento, os principaes personagens e as scenas mais interessantes d'essa época, em que elle despontava para a vida e para as letras—*quorum pars magna fuit*. Livros vividos esses, e todos sabem que os livros vividos são os melhores.

Com effeito é só hoje que se pode escrever a historia d'essas gerações, que occuparam os primeiros logares na scena portugueza, nos ultimos cincoenta annos. Uns estão mortos:—a outrós o coração batelhes de certo mais tranquillo e compassado, debaixo das fardas bordadas, das commendas e grã-cruzes—e vivem, quasi esquecidos, indifferentes ao espectaculo do mundo, que veem passar, tão outro e diverso do que elles conheceram, nos aureos dias da mocidade!

(Continúa.)

ZACHARIAS d'ÁÇA.

VELOCIPEDIA

União Velocipedica Portugueza.—A corrida Bordéus-Paris—Novo triumpho d'Elkes—Corrida de 48 horas—Recordo da milha—O Grand-Prix de Paris—Varietas noticias.

A commissão installadora da União Velocipedica Portugueza resolveu, em sessão de 27 de junho ultimo, que a reunião da assembléa geral, que tem de deliberar para a constituição definitiva da associação, se effectue no dia 18 do corrente, se porventura se obtiver para esse dia a cendencia da casa que para tal fim foi solicitada. Entretanto, e no intuito de evitar maior delongas, mandaram-se já imprimir os avisos convocatorios, os quaes serão expedidos durante a semana corrente, com indicação precisa do dia, hora e local da reunião.

Egualmente se resolveu avisar os socios de que, a contar de amanhã, poderão requisitar as insignias sociaes na séde provisoria da União, rua do Crucifixo, 19, 1.º, em todos os dias uteis, do meio dia ás 4 horas da tarde, e bem assim no escriptorio do thesoureiro, rua Nova da Trindade, 48, 1.º

As referidas insignias, que são realmente de bom gosto e se destacam de todas as existentes, soffreram uma ligeira modificação no modelo adoptado. A fxa transversal, em que são gravadas as iniciaes da associação, e bem assim o aro circular, em vez de nikelados passam a ser dourados, pois se reconheceu que sobre o dourado resalta melhor o esmalte preto d'aquellas iniciaes.

Fixou-se em 500 réis o preço de cada uma d'essas insignias, attento o custo por que ellas sahem á associação. Aos socios das provincias serão as mesmas insignias enviadas, ou directamente ou por intermedio dos respectivos delegados, contra remessa do preço d'ellas e das despesas do porte do correio.

Tratou-se da organização das listas dos

corpos gerentes que tem de servir desde a data da eleição até ao fim do anno proximo futuro, e discutiu-se o orçamento da receita e despeza, ficando, porém, esta discussão de proseguir na sessão proxima.

Pelo sr. Alberto Calleya foi presente uma relação de estabelecimentos que se promptificam a fazer descontos, no preço dos artigos do seu commercio, aos socios da União que no acto do pagamento apresentem os seus bilhetes de identidade e as respectivas insignias.

Esses estabelecimentos são os seguintes:

Em Lisboa ourivesarias e relojoarias de Januario e Mourão, rua da Palma, 86, 88 e 90, (8 por cento de desconto) e de João Anjos, rua de S. Roque, 121 e 123, (tambem 8 por cento), e camisaria de Guilherme Silva e Santos, rua de S. Nicolau, 109 e 111, (10 por cento); em Coimbra, Hotel Bragança, em frente da estação, (10 por cento) e alfaiateria, camisaria e artigos de sport de Affonso de Barros, (10 por cento); nas Caldas da Rainha, Grande Hotel Lisbonense, e na Figueira da Foz Grande Hotel Lisbonense, (succursal d'aquelle) ambos 10 por cento na diaria dos hospedes.

Mais algumas deliberações se tomaram, umas de caracter reservado, outras a que não interessa dar publicidade, e marcou-se o dia 4 do corrente para nova sessão.

*
A proposito da corrida Bordéus-Paris, cujo resultado noticiámos em o numero anterior, vamos dar aos leitores, conforme promettemos, algumas notas e informações.

O que n'essa corrida houve de mais notavel foi o esplendido duello travado entre Fischer e Garin, que luctaram roda a roda durante todo o percurso, sempre com admiravel tenacidade, e saudados e aclamados entusiasticamente por enorme multidão.

Fischer, o vencedor, deu uma queda desastrosa, ocasionada por uma manobra de um dos seus treinadores. Cahindo sobre a machina de Garin, á qual partiu todos os raios da roda directriz, ficou muito ferido na cabeça. Entretanto, tornou logo a montar corajosamente, e assim terminou os 90 ou 100 kilometros que lhe faltavam percorrer.

Embora houvesse sido prohibido o treinamento por motores, estes algum auxilio prestaram, pois o corredor allemão foi seguido em todo o percurso,—mas a um kilometro, pelo menos, de distancia — por uma carruagem automovel, que conduzia, além dos alimentos que elle tomou, e que os seus treinadores lhe passavam, duas bicycletas de sobresselente, para que não perdesse tempo em caso de perfluração de pneumaticos, ou outro accidente que succedesse á sua machina.

Foram 25 os corredores que se inscreveram para esta prova, e 10 os que a effectuaram em menos de 48 horas.

Apreciando a corrida, que a suppressão do treinamento automovel nada absolutamente prejudicou, antes tornou mais interessante, publicou *Le Velo* o seguinte:

«Bordeus-Paris de 1900 ficará como uma prova soberba, que no ponto de vista do puro athletismo, auxiliado pelo meio mais simples de treinamento, abre uma era nova, comparavel á primeira de todas dos tempos mais heroicos da corrida.»

Para concluir daremos a lista de todos os vencedores de Bordéus-Paris desde a sua fundação, isto é, na decada que vae de 1891 a 1900. Foram elles os seguintes:

1891 Mills (inglez), 26 h. 34 m. 57 s.
1892 Stéphane (francez), 25 h. 37 m.
1893 Cottreau (francez), 26 h. 4 m. 52 s.
1894 Lesna (francez), 25 h. 11 m. 7 s.
1895 Gerger (austriaco), 24 h. 12 m. 15 s.
1796 Linton (inglez), e Rivierre (francez), «dead heat», 21 h. 17 m. 18 s.
1897 Rivierre (francez), 20 h. 36 m. 46 s.
1898 Rivierre (francez), 20 h. 39 m. 1 s.
1899 Huret (francez), 16 h. 35 m. 47 s.
1900 Fischer (allemão), 21 h. 57 m. 57 s.

Convém acrescentar, por ser da maior importancia para a apreciação dos tempos precedentemente indicados, que as provas de 1891 a 1893 só admittiram o treinamento por bicycletas, excepção feita de um unico tandem que

fectuar na carreira de tiro, o qual foi approvedo.

Tomaram-se as seguintes resoluções:
 Approvar as resoluções da 1.^a succursal, referentes ao proximo concurso, satisfazer as suas requisições e aceitar os encargos solicitados.

Satisfazer as requisições da 3.^a succursal, e pedir ao seu presidente represente a União no concurso.

Aprazar nova reunião para 10 do corrente.
 O secretario apresentou os balancetes da caixa, referentes ao trimestre findo.

Não havendo mais assumptos a tratar encerrou-se a sessão ás 10 horas da noute.

O secretario

EDUARDO DE NORONHA

Almeida

No dia 30 do mez findo, realisou-se n'esta localidade o 1.^o torneio de tiro, organizado peia *Associação de Atiradores Civis Almeidense*, segunda filial da U. A. C. P.

Foi uma festa brilhantissima e em que mais uma vez se demonstrou a fibra portugueza, o verdadeiro enthusiasmo patriotico que se desenvolveu, é a prova mais cabal de que a nossa querida patria ainda póde ser grande, quando haja quem lhe saiba encaminhar as nobres aspirações pela honra e pela integridade da terra que nos viu nascer.

Almeida, grava uma pagina brilhante na sua já brilhantissima historia.

O torneio foi animadissimo, ganhou o 1.^o premio do 1.^o grupo o sr. Antonio Joaquim Gonçalves, do Valle de la Mula, um distincto professor primario de quem a tradição conta acções de valor e amor patrio que nos recorda a velha alma e energia portugueza e de quem publicariamos o retrato e a biographia se nos fosse dado logar obtel-os, o que ha muito desejamos; o premio era uma linda taça offerecida pela *União*.

O 2.^o premio foi ganho pelo sr. José Thadeu, o 3.^o pelo sr. Joaquim Candido dos Santos e o 4.^o pelo sr. Antonio Eduardo da Costa.

Do 2.^o grupo: 1.^o premio, medalha de ouro, offerecido por uma senhora, dr. Servio Branco, dignissimo presidente da associação; 2.^o, Arthur Borrego; 3.^o, Duarte da Fonseca Azevedo.

Do 3.^o grupo: 1.^o premio, José Antonio Vieira; 2.^o, José Joaquim Figueiredo; 3.^o, Martinho José de Amorim Junior.

Do 4.^o grupo: 1.^o premio, dr. José Marques Loureiro; 2.^o, José Vicente da Fonseca; 3.^o, Manuel Accacio Vieira.

Do 5.^o grupo (militares): 1.^o premio, 2.^o sargento Aragão; 2.^o, sargento Ladislau; 3.^o, 1.^o sargento Rebocho.

Terminado o torneio ás 5 horas da tarde, as tradicionaes merendas, uso tão singelo e tão captivante de boa fraternidade do nosso bom povo, estenderam-se pelo campo, lembrando a pittoresca Suissa, a mãe do tiro.

A's 6 e meia organisou-se um cortejo com uma tuna á frente a caminho da villa percorrendo depois as suas ruas e no meio do mais indiscriptivel enthusiasmo, dando vivas calorosos á patria, a El-Rei, ao exercito, á *União*, ao dr. Cunha Bellem, ao capitão Barreiros, a Anselmo de Sousa, a Eduardo de Noronha, ás filiaes de Leiria e Bragança, ao dr. Servio, presidente, a Almeida Abranches, secretario da filial etc.

O cortejo dirigiu-se para casa do sr. dr. Servio Branco, fallando este e outros oradores o que produziu o maior enthusiasmo, depois um finissimo chá e um esplendido baile.

A parte mais caracteristica d'esta festa foi o brilhante papel desempenhado pelas damas de Almeida, que, tendo assistido ao torneio, se incorporaram no cortejo, seguindo-o sempre e empunhando uma ban-

deira com a legenda: — VIVAM OS VENCEDORES!

Já em Leiria admirámos duas distinctas damas a quem muito nos honramos de chamar nossas camaradas por serem tambem distinctas atiradoras, agora cabe-nos louvar com o nosso maior enthusiasmo as nobres damas de Almeida, pela brilhante attitude que tomaram n'uma festa que nos enche de enthusiasmo e que faz trasbordar de alegria o nosso coração.

Não podemos esquecer aqui, n'este momento, um nome, esse impõe-se pela sua dedicacão, actividade, civismo e... desprendimento! é o do sr. Antonio Ribeiro d'Almeida Abranches, o dignissimo secretario da filial a quem nos seja permitido enviar um fraternal abraço.

Bem hajam todos os que abrigam no peito o sentimento de verdadeiros portuguezes e patriotas.

Bragança

Realisou-se no dia 7 do corrente, como estava annunciado, o concurso official na carreira de tiro de Bragança. Contra o nosso desejo, temos absoluta falta de informações d'esta localidade o que muito nos contraria.

Leiria

Por cartas d'esta localidade sabemos que é grande o enthusiasmo que ali lavra para as festas do primeiro concurso official que alli se realisa no proximo dia 1 de novembro.

Ao illustre capitão de infantaria n.^o 7 o nosso amigo sr. Estrella foi permitido o accumular o logar interino de major do corpo, com o de director da carreira de tiro.

*

No domingo, 7 do corrente, foi a abertura da escola de tiro dos alumnos da U. A. C. P. na carreira de tiro de Pedrouços.

Compareceram os srs. Anselmo de Sousa, Eduardo de Noronha, Pedro J. Ferreira, Antonio Correia Pinheiro, Fraga Pery de Lindé e J. Vieira da Silva Junior da commissão executiva, Figueiredo do Amaral, bibliothecario e entre outros socios os srs. E. Kesselring, João Consiglieri Pedroso, João Cannas, Telles de Azevedo, E. Taborda, Antunes Barata e Moraes Carvela.

Dos officias da carreira estiveram os srs. capitão Vergueiro, director; tenentes Chagas, Macedo e Ferreira; Alferes Gonçalves e Ferreira. O serviço correu com a maior regularidade.

*

Foi concedido ao *Grupo Patria* o beneficio das munições tanto de 6,5^{mm} como 8^{mm} ao preço de 200 réis o maço de 10 cartuchos.

Sentimos que não fosse para todos os atiradores em geral, como foi pedido pelo mesmo grupo, pedido secundado pela *União dos Atiradores Civis Portuguezes*; oppoz-se a isso o preço estar estabelecido por um decreto e só com outro se poder revogar tal disposicao para a generalidade do preço.

ESGRIMA

José Maria da Silveira

Pedro Augusto — o contra-mestre de José Maria

(Continuado do n.^o 189)

V

Na roda da sociedade irregular e folgazã do seu tempo — gente de vida aiçada — como diziam, á hespanhola, os nossos antigos — vida no ar — e que nós dizemos ainda, porque é phrase muito boa e expressiva; nessa sociedade mesclada, onde se encontravam os que, na escada da fortuna, sobem e os que descem, José Maria conheceu de tudo — os bons e os maus, os finos e os grosseiros; se os pesasse, o prato dos maus e dos grosseiros vel-o-ia elle decerto ir mais ao fundo do

que o outro, mas a estes esquecia-os, e aquelles de quem se lembrava, e a quem dava sempre a preferencia, eram os de mais finos quilates, os de maior graduacão. Teria elle de certo muitas historias para contar, de heroes de baixa estôfa, mas d'isso não curava. De si era raro tambem falar, e poderia fazel-o, porque, assim como a famosa cantora Alboni era, na phrase de Julio Janin, um elephante com um rouxinol na garganta, sob a corpôratura gigantêa do mestre havia um espirito fino e gracioso, e elle não teria senão que mudar de fato, trocar o jaquetão pelo frak, para fazer boa figura numa sala. Podia, mas não quiz, e nesta serra do mundo elle nunca passou da meia encosta.

Tinha por habito separar os seus discipulos, e, terminadas as lições, a uns despedia-os, e com os outros ficava conversando. Conhecemol-o nos ultimos annos, velho e pobre, triste com a sua pobreza e com o seu isolamento; fora imprevidente, os seus discipulos, ricos alguns, outros rapazes elegantes do *high life* d'então, tinham envelhecido como elle, ou morrido... E a velhice não tem os encantos, a força magnetica da mocidade: — aquelle casarão alto e sombrio, nú de todos os ornamentos, se era moldura para o ancião, já decrepito e curvado, não era gaiola, nem elle tambem chamariz, para o passaredo das gerações novas.

José Maria já tinha poucos discipulos e a raros dava lição. Dos antigos que formara, e de que fizera magnificos jogadores, os mais dedicados, e os que tinham mais amor á arte, alguns o substituiu — eram os seus *contra-mestres*, os seus *prévôts*, como lhes chamam os francezes. O mais fiel, o mais assiduo de todos, foi Pedro Augusto da Silva, de quem já falei, e que nunca o abandonou. Este, além de ser amigo, tinha o vicio d'aquelle jogo, como outros tem o das cartas.

* *

Pedro Augusto era filho de boa familia — o pae, que eu ainda conheci, fôra cirurgião militar — se bem me recordo; e era amigo do meu. Pedro — o *Bécinha* — como lhe chamavam os caçadores — matriculou-se no Lyceu, mas os magnificos professores d'então — Mauperrin, Almendo — o celebre latinista e prégador, padre Rocha, Antonio Caetano Pereira — o que teve a polemica com Alexandre Herculano, Tavares — o da Logica, o reitor D. José de Lacerda, e outros, egualmente distinctos, não conseguiram vel-o muita vez nos bancos das suas aulas. Se ali fosse uma academia de *sport*, então sim, que tinham homem. A's lições de tão sabios mestres preferiu as de esgrima, dadas por José Maria, ainda na força da vida, a uma roda de rapazes, revoltos e foliões, muitos d'elles caçadores.

O pau e a espingarda foram desde então o seu estudo, e a sua distracção favorita — duas paixões — que o dominaram toda a vida. Quando, na caça, já raras vezes o viam, as poucas forças e as noites nevoentas e humidas do inverno, ainda o não impediam de apparecer aos seus discipulos na sala do Gymnasio-Club!

Na convalescença d'uma das suas bronchites, encontrei-o subindo, resfolegando, a custo, a rampa do Corpo Santo para o Ferregial.

— Então, ó Pedro, com uma noite d'estas!

— O cavername não está bom; você ouviu cantar os pintainhos? — Era o sibilar da respiração. — Mas os rapazes estão lá,

e eu não gosto de os fazer esperar em vão. E lá foi fazer *sarilhos* e *passar-se á volta* e *metter pontas*. Ali é que elle vivia — era ali o seu theatro. Naquelle logar era o *magister* — lia de cadeira. Pouco tempo depois lia eu tambem nos jornaes a noticia da sua morte; e a doença encontrara-o tão fraco, que quasi o fulminou! Elle era videiro, e não se poupava.

Trigueiro, o nariz grande e grosso — o *beque*, como elle lhe chamava na sua linguagem pittoresca, outras vezes era a *corneta* — com o seu grande e farto bigode negro, que elle nunca deixou branquear, tinha um aspecto marcial, e por vezes os soldados se perfilavam quando elle passava, ao que elle correspondia com um movimento da bengala — a *Catharina* — outro termo do seu vocabulario — gesto militar, e feito para manter os pobres galuchos na convicção de que não se tinham enganado. E nem sempre eram galuchos. Uma vez iamos, os dois, saindo as portas de Campo-Lide, onde então havia uma estação da guarda municipal, quando todos os que estavam num banco, á porta, se levantaram, fazendo a continencia! Elle, imperturbavel, saudou-os com o tal gesto costumado.

— Acontece-me isto mais vezes, quando por aqui passo: aqui sou capitão. — Capitão das portas de Campo-Lide! — acrescentava elle, em commentario jocoso, caschalhando uma gargalhada.

Era asseiadissimo e muito esmerado no vestir. Caminheiro e esgrimista, prestava grande attenção ao calçado, tanto o da caça como o de passeio, andando sempre á descoberta do artista, que melhor o servisse. E tinha razão. Eu, que tambem gosto de andar, quando, ás vezes, reparo nas desastrosas e horrendas botas, que fornecem aos nossos soldados, parece-me impossivel que elles marchem, com taes instrumentos de tortura nos pés!

Apurado e meticuloso no que lhe dizia respeito, o seu traje de campo, os petrechos de caça, a espingarda, o cão, tudo era correctissimo, e na roda dos mais fins caçadores Pedro Augusto não destoaria de fórma alguma.

Raro, excellente companheiro no campo, á noite — á lareira — tinha para contar um picaresco rosario de historias — algumas extraordinariamente patuscas — uma introdução picante á ceia — ceia de caçadores, alegre e ruidosa, como a nossa mocidade. Depois, se apparecia uma guitarra, no estylo antigo, e sem pretensões de especie alguma, elle cantava-nos o *fado* do conde de Vimioso, e outras trovas, umas cidadãs, outras do campo. Ainda me lembro d'umas, em que «vão os bois lavrando» — uma cantiga ribatejana, d'uma singeleza rustica, uma égloga encantadora. A voz não tinha requiebro, nem modulações procuradas, não era vibrante, mas, descançada, dava-nos a impressão tranquilla da serena melancolia das vastas campinas, de fundos horisontes! E todavia nunca descobri nelle o mais leve vislumbre de poesia. No genero *cantador* pertencia á *velha guarda*, com que fôra creado.

Mas onde Pedro Augusto era verdadeiramente notavel, e onde mostrava a sua feição mais original, era nas scenas que elle contava. A narrativa saía-lhe salpicada de termos de *calão* antigo, que elle conhecia a fundo, e que lhe davam um colorido forte e completamente novo para a maioria dos seus ouvintes — um estylo disparate e multicôr como um fato d'arlequin; e a isto juntava elle uma

mimica animadissima, pittoresca, cheia de gestos, viva e impetuosa, que ora o fazia saltar para cima das mesas, ora rojar-se pelo chão, e que acabava, muitas vezes, por fazer rebolar tambem todo o auditorio ás gargalhadas!

Nos episodios comico-tragicos, que avultavam no seu repertorio, a pintura dos personagens — que elle carregava — era de primeira ordem, e tal como nunca a vi no theatro: esses trechos atacava-os com uma energia endiabrada!

A sua physionomia, vigorosamente contornada, e um tanto dura de linhas, principiava logo a animar-se; a voz d'estalo, sem vibração, porque era fraco dos pulmões, alteava; e os gritos alternavam com os gestos precipitados, tragicos ou burlescos, que elle accentuava de uma fórma extraordinaria.

Era um conflicto na rua. Elle fazia todos os papeis — o *peralvilho de meia tigella*, muito *engraixado*, *pitosca*, de luneta, com o seu lenço de *pô de pedra*, *litro* na cabeça, *á saré*, e todo assomado; — a menina dengosa, que lhe dava o braço, com um *cheli-que*, aos guinchos; a sogra, gritando pela policia, com o seu *casabêque* á moda antiga, e o *quico* á banda, cheio de *tópaiôs*; a *sopreira*, assaralhopada, agarrada á menina; os *gajos* da malta, que vinham metter o nariz, e *largar* a sua *piada*...

Todas estas figuras desfilavam deante dos nossos olhos, atropellando-se comicamente na rapida successão das scenas! E representando todas, elle dava a cada uma a voz, a entoação, e o gesto apropriados! Era unico!

Applausos — tinha os que um artista mais ambiciona — ás primeiras palavras tudo desatava a rir! E as gargalhadas succediam-se ininterruptas, todos apertavam as ilhargas. Rapazes e velhos, vermelhos e esbofados, revolviam-se nos bancos, e nas cadeiras, e, dobrados sobre si, davam pulos! A quem ali entrasse, nesse momento, toda aquella gente pareceria atacada do delirio da gargalhada!

Corrido o panno, elle retomava a sua expressão habitual, serio e sereno, como um artista seguro dos seus effeitos e encanecido nos triumphos!

Era sempre assim — nunca falhava: elle contava, e os outros riam.

(Continúa.)

ZACHARIAS D'ACÁ.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Empenhada andou recentemente a imprensa da capital em secundar, por meio de artigos de propaganda, a obra de Sua Magestade a Rainha contra a tuberculose.

Diariamente, quasi, eram publicados nos jornaes mais lidos da capital substanciosos artigos subscriptos por auctoridades scientificas e litterarias em que as medidas a tomar contra a propagação do terrivel mal, eram esplanadas, expostas as suas causas e desenvolvidos os meios de as combater ou contrariar no seu desenvolvimento progressivo e alastrador.

Assim, segundo estes artigos, as causas do assustador desenvolvimento d'esta dissimuladora enfermidade são: a insufficiencia de alimentação, a carencia absoluta de hygiene, e a falta de vigor physico da nossa raça.

E' d'esta ultima que me proponho a dizer algumas palavras, esperançado em que, attenta a justiça e a verdade da causa alguma mais intelligente, com maior cabedal

scientifico e auctorizado portanto, saia á estacada e empunhe armas em favor d'esta santa cruzada pela nossa existencia.

Basta assistir um domingo, durante meia hora, ao desfilar sinistro da população da nossa capital por sobre o asphalto dos passeios da Avenida, para fazer uma idéa da nossa insufficiencia physica e reconhecer de quanto, como animaes, estamos decaidos e de quanto e quão breve, a continuar assim, decairemos no futuro.

Esta falta de vigor physico, este definhamento progressivo, visivel em todas as manifestações da nossa vitalidade, pode vir a ser o nosso aniquilamento como nação, a nossa morte collectiva como povo, se a tempo se não cuidar a serio de atalhar o mal. E' sobre este assumpto de magna importancia que eu desejo que todos — governantes e governados — volvam os olhos.

Porque o mal é atalhavei; fomos out'ora um povo, forte e resistente, heroico e vencedor.

Para nos fixarmos como nação tivemos que, palmo, a palmo conquistar o terreno onde a edificar; cheios de força e de seiva não nos atemorizou a grandeza da idéa; precisámos terras, conquistámo-las; para isso tivemos que vencer e expulsar aquelles que as possuíam antes de nós. Fomos fortes.

Para manter a nossa autonomia fomos obrigados a conservar em respeito o castelhano, teimoso durante seculos em absorver este reino pequeno, e resistimos sempre, com maior ou menor felicidade, a essa absorção.

Mais tarde chegados ao periodo agudo da nossa pujança, precisando gastar a força que nos superabundava, não podendo expandir o reino para o lado de Castella, sonhámos um imperio em Africa — continuação além-mar do nosso pequeno reino, embarcámos e tornamos-nos heroicos! Desvendamos o mar cheio de perigos, o mar Tenebroso, percorremo-lo em todas as direcções, chegámos ás mais ignotas partes do globo, patenteámos ás outras nações algumas, então, na infancia, novos mundos; conquistámos, subjugámos, domámos!

Fundámos um imperio colonial vastissimo e, a realizar-se o sonho de Afonso de Albuquerque, nenhum outro imperio teria ainda excedido, em grandeza, o nosso. Fomos affirmativamente um povo.

Se hoje não valemos nada, o erro não é, pois, de constituição; o erro é de educação. Trezentos annos de dominação fradesca, derribaram-nos por terra; tornaram-nos o espirito beato, embruteceram-nos a intelligencia, enfraqueceram-nos o corpo, deixando enferrujar o musculo que, chamado a acção, já não apresenta a elasticidade e a riqueza de outras eras. Urge remover esse erro, urge modifica-lo.

Que educação é esta que se ministra nas nossas escolas, nos nossos lyceus, nos nossos collegios? De que se cuida ali? Tornar a creança um prodigio de saber (não discuto agora se esse fim se attinge algumas vezes ou se, pôde mesmo ser attingido da maneira porque a instrução é ministrada) e para isso não se hesita em lhe sacrificar a saude, o corpo de que se não faz caso, a sua robustez physica, de que se não cuida e que se deixa perder lentamente, á medida que o espirito, sobrecarregado de trabalho intellectual, se amesquinha.

Qual dos nossos legisladores pensou já em erigir junto a cada lyceu, a cada escola, um gymnasio onde, com methodo com sciencia, fosse ministrado áquelles que fre-

ESGRIMA

José Maria da Silveira

Pedro Augusto — o contra-mestre de José Maria

(Concluido do n.º 196)

VI

Ainda me lembro d'uma caçada ás cordornizes no Carregado. Era verão, e saíramos de Lisboa no comboio da tarde, para começarmos de manhã a caçar: cairia muito calor n'aquelles dias.

Quando chegámos á estalagem do... não me recordeo do nome do dono, da figura sim — um homem forte, trigueiro, cara redonda, barba toda, negra e curta. Depois seguia-se o dormir, mas era noite. Ceiámos. *Hoc opus*... as camas não abundavam, ou eram já tomadas por outros. Estavamos resignados ás mesas, cadeiras e bancos, quando o *Bécunha* principiou a contar historias... Era aquelle o seu modo de protestar contra a dura taboa!

Raiava a manhã — davam tres horas, quando elle desceu o panno! Fomos para a barca, que não era a de Caronte; mas que o fosse, nós levavamos provisão de alegria, de gargalhadas, e de... *frescura*, bastante para affrontar todas as tristezas d'este mundo e do outro, e o proprio sol do Sahara! Nunca ri tanto!

Estas scenas, este estylo *colonico*, contrastando com a seriedade da sua figura, com o seu ar de capitão, eram o que constituia a originalidade de Pedro Augusto: faziam d'elle um typo unico — eram para todos uma surpresa.

Excellente mestre da sua arte, conhecendo todas as finuras do jogo, bom companheiro de caça e regular atirador, teria sido tambem, se quizesse, no genero comico, um actor muito popular e querido das platéas. Mas nunca tal idéa lhe passou pela cabeça; Pedro Augusto era avesso a exhibir-se em publico. Nas festas promovidas pelo *Real Gymnasio Club*, os seus discipulos, que já lhe faziam honra, apresentavam-se e eram applaudidos — elle nunca appareceu. Assistia a esses saraus, e partilhava modestamente das suas glorias, — entre os espectadores. Perguntei-lhe, em uma d'essas occasiões, se elle tomava tambem parte no espectáculo.

— Isso é lá para os rapazes. Eu cá, não!

Este não era prolongado — era um não convicto, que protestava contra semelhante idéa.

E d'ahi, talvez já então se sentisse fulto de forças para um assalto de apparatus, como estes são, e não quizesse, sob o ponto de vista da *resistencia*, fazer má figura ao lado dos seus discipulos, todos novos e fortes.

* *

Falámos das scenas phantasiadas pelo nosso antigo amigo e companheiro; agora, para acabar-lhe o retrato, contaremos uma em que elle foi auctor e actor.

La elle, um dia, socegradamente para a sua repartição, quando ao fim do Aterro, já perto do Corpo Santo, topou com dois peixeiros, amadores tambem, jogando o pau, com as varas dos cabazes. Parou a vel-os — Amor da arte... Ainda andava pouca gente fina na rua — Pedro era madrugador.

Como o caso se passou não sei eu; o que é certo é que d'ali a pouco, travado o dialogo ás boas com elles, o pau d'um passava-lhe para as mãos; e eil-o, já metti-

do no jogo, a fazer flores, quando, olhando em volta, se viu rodeado de muita gente, todos com os olhos esbugalhados, e cheios d'admiração, pela novidade do espectáculo!...

Surprehendido, não perdeu todavia o sangue frio — os golpes choveram, como saraiva, sobre o pobre cabazeiro, tocado por todos os lados, e que já não sabia para onde se voltar: o ultimo, um *rebate*, fez-lhe saltar o pau fóra das mãos... Pedro Augusto aproveitou o momento para a retirada.

— Assim é que se joga — disse elle ao homem todo atrapalhado, e emquanto este ia buscar o pau, elle, muito serio, atravessava por entre o povo boquiaberto!

— O casaca joga que tem diabo! — havia de dizer o do peixe. — E, se fosse a valer, que tarefa eu apanhava! E os outros, o que diriam! Um senhor fino, de chapéu alto!

Que eu saiba, Pedro nunca as teve a valer. Bom rapaz, prudente e cortez, nunca as provocou; não lhe occorreram lances,



Cinzeiro de prata

Premio dos convivas do jantar de 2 de julho, concurso de tiro, Leiria 1 de novembro de 1900

como alguns da vida do seu mestre — o famoso José Maria. Tinha a arte, mas faltava-lhe a força. Estreito do tronco, os hombros descuidados, secco de carnes, de pouco folego, e de poucos musculos, deveu á esgrima e á caça, e a uma vida regular, o ter chegado a velho com a agilidade bastante para, nos seus ultimos dias, ser ainda um bom *demonstrador*. Devia ter mais de sessenta e cinco annos, quando falleceu.

Muito reservado e cauteloso no que lhe dizia respeito, era raro falar de si; nunca o ouvi referir-se á sua idade, *et pour cause*... O retinto do cabelo brigava com a certidão do baptismo!

* *

Esta figura original, que eu tentei pôr aqui em relevo, lembrar-se-hão d'ella os seus antigos e já raros condiscipulos do Lyceu — o antigo de S. João Nepomuceno; os da escola de José Maria Saloio; os seus amigos e companheiros de caçadas, e os seus novos e ultimos amigos e discipulos do *Real Gymnasio Club*; não é pois para esses que eu esbocei este retrato — todos o teem na memoria, uns mais apagado, na sombra, os outros com a impressão recente, as cô-

res frescas, o perfil, os contornos accentuados e firmes, e o calor ainda da vida: é para os que vierem — que os trabalhos da historia são menos para o presente que para o futuro.

O momento presente tem-nos sempre, a nós, portuguezes, preocupado a tal ponto, que, por mais notaveis que sejam — reis, estadistas, conquistadores, guerreiros, sabios, poetas, historiadores, artistas — apenas mortos logo os esquecemos! Aos corpos cobre-os a terra, á sua memoria o esquecimento!

E' um defeito nacional este culto do *eu vivo*: é necessario corrigil-o, e a melhor correcção é lembrar esses mortos, e, quanto possivel, resurgil-os.

E' com o pincel, o escopro e a penna dos contemporaneos, que se fabricam os elementos com que depois se constroem os monumentos da historia. Os que nella trabalham hoje — os grandes architectos e os humildes, mas sinceros obreiros — todos sabemos quanto custa, quantas torturas soffre o nosso espirito, e ás vezes o nosso coração de patriotas, buscando em vão com a ancia do desejo, o ardor da curiosidade, a força da esperanza, uma imagem, o retrato, uma memoria, duas linhas, a assignatura, ao menos, d'um d'esses homens illustres, que fizeram grande esta terra de tantas glorias, e de que tanto nos orgulhamos, que, a sangue frio, podemos dizer — pelo contraste da sua pequenez terrestre com a sua grandeza humana — que nenhuma outra se lhe avantaja! Citemos apenas um — que é maximo — Camões! Da sua mão não chegou a nós nem um verso, nem uma carta, nem a propria assignatura! Parece uma conspiração, a perseguil-o ainda além da morte!

Com as vidas dos heroes faziam os antigos as suas historias-epopéas e da grande floresta humana d'então só avultam os carvalhos e os cedros! E' difficilissimo, por isso, reconstruir os costumes, a vida do povo, em que elles tinham as suas raizes. Hoje a chronica individual é um elemento para a historia, não é a historia. Os grandes homens — causas e effeitos da civilização — a philosophia moderna funde-os na propria civilização. Assim melhor se distinguem e comprehendem, vistos á luz do seu tempo; e esses quadros, bem compostos e ordenados, com todas as figuras no seu logar — os grandes actores, os de segunda classe e os simples comparsas — dar-nos-hão, quanto o pode fazer a arte, a imagem completa e a impressão verdadeira das épocas que passaram.

E vae isto aqui para acudir aos reparos d'algun, que, em materia de historia, leia ainda pela cartilha velha. *De minimis non curat praetor*, disse não sei que antigo, mas eu sou do numero dos que se occupam dos pequenos — sem desprezar os grandes.

Talvez seja por eu não ser pretor.

24 — Outubro — 1900.

ZACHARIAS D' AÇA.

ATHLETICA

GYMNASTICA

R. G. C. P.

Conforme estava annunciado, foram inauguradas nos dias 22 e 23, as aulas de gymnastica e esgrima do Real Gymnasio Club Portuguez.

Por amavel convite da direcção da benemerita collectividade, tivemos a honra de assistir a essa festa modesta, sem apa-